

ARENDR E O “CHAMADO DO AUFKLÄRUNG”

Sônia Maria Schio

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Em pleno século XXI ainda se pode (ou talvez seja imperioso) colocar a pergunta que Kant expôs no século XVIII: “vivemos atualmente numa época esclarecida?”. Para balizar as possíveis respostas, o pensamento Político de Hannah Arendt (1906-1975) possui acepções que auxiliam nesta reflexão. Segundo ela, a irreflexão, o não-pensar, permitem que ações más ocorram. E isso continua a acontecer nos mais diversos momentos: quando é negada a importância da Ciência e de seus produtos (as vacinas, por exemplo); ou ao serem divulgadas notícias falsas (Fake news), entre outras. No contexto atual, então, ainda é necessário um esforço para tornar-se esclarecido, autônomo e responsável, visando a um mundo mais humano e íntegro.

Palavras-chave: Hannah Arendt, Kant, Esclarecimento, Mal Banal, ação humana.

Abstract: Nowadays, in the 21st century, it is still possible (perhaps it is imperious) to raise the question as Kant has stated in the 18th century: “do we truly live in an enlightened age?” To mark out the possible answers, the political thought of Hannah Arendt (1906-1975) has meanings that help to make this reflection. According to her, thoughtlessness, or non-thinking, allow bad actions to occur. And this continues to happen in the most diverse circumstances: when the importance of Science and its products (vaccines, for example) is denied; or when fake news are spread, as well as many others. Thus, in the current context, an additional effort is still necessary to become an enlightened, autonomous, and responsible being, aiming at a more humane and righteous world.

Keywords: Hannah Arendt, Kant, Enlightenment, Banal Evil, human action.

Embora esteja próxima a comemoração de 240 anos da publicação, em um jornal, do texto com a pergunta sobre o Iluminismo¹, a hipótese é a de que a questão permanece. E ela precisa ser continuamente recolocada, assim como carece suscitar tentativas de resposta, como aquela de Kant (1724-1804)². Em épocas diferentes, as pessoas, certamente, responderão de formas

¹ A tradução ao português Brasileiro mais usual é esta, de “Iluminismo”, devido à tradição existente de utilizar os termos franceses. O original, utilizado na época (séc. XVIII) por Kant, “Esclarecimento”, origina-se de “*klärung*”, clareza, do prefixo “*auf*”, sobre/relativo à/ao e ao sufixo “*ung*”, ação. Então, *Aufklaren* é esclarecer, e *Aufklärung*, esclarecimento ou iluminação. Origina-se do latim: *acclarare*, que significa retirar o que não permite uma visão nítida.

² Esse artigo de Kant foi publicado após um outro com um tema assemelhado, como se pode ler na nota à publicação: “Immanuel Kant – 1724 bis 1804, Philosoph in Königsberg. Wir veröffentlichen den Text

diversas, adaptadas ao próprio tempo ou as contornarão, como se a pergunta ou a possibilidade de aperfeiçoar-se (“esclarecer-se”) não existisse. Nesse contexto, pode-se investigar o que Hannah Arendt (1906-1975) objetaria, no tempo dela e a partir das experiências por ela vividas, e que poderia auxiliar a pensar os dias atuais (séc. XXI).

Assim sendo, o exposto no título aponta para a pergunta-base do presente ensaio, o qual embora conhecido, não tem sido abordado: há, no pensamento Arendtiano, um ‘chamado do Esclarecimento’ (*Aufklärung*)? ou há, talvez, um ‘chamado para o Esclarecimento’? A base da reflexão é o conhecido texto de Kant de 1784 (ou seja, “Resposta à pergunta: *o que é isso o Esclarecimento (Aufklärung)?*”), no qual Kant explicita o próprio intento:

Esclarecimento (*Aufklärung*) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. *Sapere aude!* Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é, portanto, a divisa do Esclarecimento. (KANT, WA, A 481)

Para esboçar uma possível resposta ao “do” ou o “para o” Iluminismo, pode-se pensar que a primeira se refere a algo externo ao humano, e a outra ao mundo interno dele, o espírito ou mente. Em outros termos, como se a humanidade chamasse a cada pessoa a buscar a maioridade (ou autonomia, termo mais conhecido, pois utilizado na *Fundamentação Metafísica dos Costumes – GMS*, de 1785, BA 74). Quanto a um possível chamado interior, este seria oriundo do próprio ser: cada um sentiria um impulso interno para “pensar por si”, a máxima do Iluminismo, segundo Kant no § 40 da *Crítica da Faculdade de Julgar – KU*, de 1790 (158): “A primeira é uma máxima de uma razão jamais passiva. A propensão a esta, por conseguinte a heteronomia da razão, chama-se *preconceito*; (...) Libertação da superstição chama-se Esclarecimento”.

nach dem Original. Er erschien zuerst unter dem Titel: »Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?« in: » Berlinische Monatsschrift«, Dezember Heft 1784, S. 481-494. Die Frage *Was ist Aufklärung?* stammt ursprünglich von dem Berliner Theologen und Mitglied der Berliner Mittwochsgesellschaft J. F. Zöllner (1753–1804). Cf. *UTOPIE kreativ*, H. 159 (Januar 2004), S. 5-10. Moses Mendelssohn (1729-1786) também escreveu sobre o tema. O escrito denomina-se “Sobre a pergunta: o que quer dizer esclarecer?”.

Em outros termos, se há, no interior de cada ser humano uma tendência (“chamado”) para a “maioridade” ou se a convocação para ele vem do mundo externo, das circunstâncias, instituições ou pessoas. Ou, ainda se ambos significam o mesmo, ao se optar pela interpretação a partir da qual um sujeito é um ente abstrato. No primeiro parece ser o Esclarecimento o sujeito, e então, o centro, prescindindo de um agente humano. No segundo, como se o encargo de se tornar autônomo fosse somente individual. Assim colocada a questão, talvez ela pareça perder a intensidade, permitindo que ela seja discutida de maneira genérica ou superficialmente a partir de conceitos e não de situações vividas, como o texto de Kant sugere. Aceitar algo como dado, pronto, sem questionar ou entender seria a heteronomia, explicitada por ele, especialmente, na Fundamentação Metafísica dos Costumes (GSM).

Pode-se perceber, então, que as duas coexistem, talvez uma predominando em alguns períodos, noutros a outra; ou ainda, os dois parecerem impossíveis em “tempos sombrios”³, como o dos Totalitarismos, ou os dois ocorrerem em locais e em pessoas diferentes do Planeta. O que não pode faltar é “*Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento”⁴, nos termos dele (KANT, WA, A 481)⁵, pois o autor estava ciente que há sempre quem se beneficia da menoridade (os tutores) e aqueles que a promovem, pois fazem um “uso público da razão”, isto é, incentivam, a partir do que escrevem ou falam, a que cada um pense por si (*Selbst denken*; Cf. KANT, WA, A 482-483).

³ Esse é o título de uma obra de Arendt, na qual ela escreveu sobre personagens que viveram em momentos tensos da História, aos quais ela denominou de “tempos sombrios”: Walter Benjamin (Walter Benedix Schönflies Benjamin, 1892-1940), Rosa Luxemburgo (1871-1919), Jaspers (Karl Theodor Jaspers, 1883-1969), entre outros.

⁴ Com relação à expressão “*Sapere aude!*”, a explicação dela por Nascimento (2020, p. 74, nota 83) é expressiva: “Reiterando, Kant menciona “*Sapere aude!*” (KANT, 1985, p. 100) como lema da Aufklärung. Na tradução desse texto, L. P. Rouanet (KANT, 2008) insere uma nota na qual indica que a expressão pode ser encontrada em uma carta de Horácio a Lólio (Epistulae, livro I, carta 2). Nos versos 32-45, Horácio afirma: “Para que degolem um homem, ladrões surgem à noite; para que cuides de ti mesmo, não acordarás? (...) Se algo te fere o olho, apressas-te em remover; então, por que, se algo devora-te o ânimo, postergar de ano em ano a hora de curar-te? Metade do feito tem quem começou; ousa ser sábio, começa. Quem prorroga a hora de viver corretamente, espera, como um campônio, que o regato seque; mas ele corre e correrá fluindo por toda a eternidade” (HORÁCIO *Apud* PICCOLLO, 2009, p. 33-35). Em “Was ist Aufklärung”, para Kant, quem ordena é a razão.” (Cabe à investigação empreendida por Nascimento, no Doutorado sobre Foucault na UFPel, a ideia de dirigir a pergunta ao pensamento arendtiano: agradecimentos a ele).

⁵ Nesse momento, ele expõe os motivos da manutenção da menoridade, os quais devem ser superados: “A preguiça e a covardia são as causas por que os homens em tão grande parte, após a natureza os ter há muito libertado do controle alheio (*naturaliter maiorenes*), continuam, no entanto, de boa vontade menores durante toda a vida”. (KANT, WA, A 481-482)

Com relação ao “chamado ao Esclarecimento” enquanto oriundo do interior do ser humano, e o mais relevante neste momento, há movimentos internos do ser humano que lhe conferem a capacidade, mas também a propensão tanto a perceber o chamado como ao de buscar responder a ele por meio do tornar-se autônomo. Essa passagem da menoridade para a maioridade não é necessariamente processual, pois ocorre a alteração (mesmo que lenta e gradual) de uma situação não “esclarecida” para uma gradativa iluminação do entendimento do ser humano que se torna sujeito. Ser sujeito, e não assujeitado, é ser “senhor de si próprio” a partir do auto comando oriundo da própria racionalidade. E Kant continua:

Quando se pergunta, portanto: vivemos atualmente numa época esclarecida? A resposta é: não, mas numa época de esclarecimento. Muito falta ainda para que os homens, no estado atual das coisas, tomados conjuntamente, estejam já num ponto em que possam estar em condições de se servir, em matéria de religião, com segurança e êxito, de seu próprio entendimento sem a tutela de outrem. Mas que, desde já, o campo lhes esteja aberto para mover-se livremente, e que os obstáculos à generalização do Esclarecimento e à saída da minoridade que lhes é auto imputável sejam cada vez menos numerosos, é o que temos signos evidentes para crer. A esse respeito, é a época do Esclarecimento, ou o século de Frederico. (KANT, WA A 491)

Nesse contexto, parece que, no séc. XXI, a resposta continua a mesma: há a necessidade de Esclarecimento: cada qual precisa torná-lo uma busca pessoal. E o esforço por ele possui antecedentes: o pensamento de Lessing⁶, predecessor de Kant. Lessing defendeu a necessidade do Iluminismo, porém ainda sob a crença de que a religião auxilia no processo de “atingir as luzes da razão”. Arendt escreveu sobre ele na obra *Homens em tempos sombrios* (1968), momento em que o elogiou pelo seu *humanismo*, pela valorização do ser humano independente de religião, etnia, condição social ou econômica, expresso na obra “Natan, o Sábio”. Ela também valoriza Lessing quando este prefere o amigo e a opinião deste a uma verdade fatal ou a uma opinião não questionável (o que ainda pertence ao humanismo dele) e no valor do diálogo.

⁶ Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) foi um poeta, dramaturgo, filósofo e crítico de arte, considerado um dos maiores representantes do Iluminismo, conhecido também por sua crítica ao antissemitismo; pela defesa do livre-pensamento e da tolerância religiosa. https://pt.wikipedia.org/wiki/Gotthold_Ephraim_Lessing.

Em tempos mais recentes, isto é, de 1976 até 1983, Michel Foucault (1926-1984) abordou a questão, ou retornou a ela. Ao pensar sobre o “Governo de si e dos outros”, obra de 1982-1983, ele refere-se a Kant. Nascimento explica:

Foucault intencionava “situar esse texto (...) ao mesmo tempo quanto ao contexto no qual ele se encontra, sua relação com o público, sua relação com a Aufklärung mendelssohniana (...) e quanto ao fato de que está (...) no ponto de partida de toda uma dinastia de questões filosóficas” (FOUCAULT, 2010d, p. 20). Somente em um segundo momento da aula, ele vai passar a uma “leitura um pouco mais meticulosa desse texto sobre a Aufklärung” (FOUCAULT, 2010d, p. 22). Antes disso, Foucault reconhece a importância do tema, de forma diferente da crítica que havia elaborado durante a História da Loucura. (NASCIMENTO, 2020, p. 82).

O comentador avalia o texto foucaultiano em três momentos, sendo o terceiro relevante aqui:

O que “Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?” introduz é a “questão do presente, é a questão da atualidade, é a questão de: o que acontece hoje? O que acontece agora? O que é esse ‘agora’ dentro do qual estamos todos, que é o lugar, o ponto [do qual] escrevo?” (FOUCAULT, 2010d, p. 12). Da forma como é realizada a interpretação por Foucault, trata-se de colocar em questão certo “elemento do presente” e de qual modo ele se distingue de outros elementos; de como esse elemento é portador de um processo “que concerne ao pensamento, ao conhecimento à Filosofia” (FOUCAULT, 2010d, p. 13); e de como, aquele que fala, faz parte desse processo. Enfim, Foucault atenta para o fato de que o texto de Kant torna visível a “questão do presente como acontecimento filosófico a que pertence o filósofo que fala sobre ela” (FOUCAULT, 2010d, p. 13). (NASCIMENTO, 2020, p. 83)

A extensa citação visa a demonstrar que a questão existe não apenas no pensamento político de Arendt, pois também foi tematizada por Foucault. Do mesmo modo, antes de Kant, por Lessing, dada a importância de cada um pensar por si, de modo autônomo, base para a responsabilidade, para a Ética.

Retornando a Arendt, sabe-se que ela se afastou de obras kantianas (a Segunda Crítica – KpV, de 1788 e da GMS. Cf. ARENDT, 1993, p. 21, por exemplo) porque os fatos que ela vivenciara na Alemanha após 1930 levaram-na a fugir da Terra Natal em 1933, fazendo-a perceber que os formalismos, as

prescrições, as normas podem ser deturpadas, mal utilizadas. E isso ocorreu após participar do Julgamento de Eichmann⁷ (Jerusalém, 1960-1962). A partir do que ela ouviu e leu sobre Eichmann, por exemplo, Eichmann, ao citar o “imperativo categórico de Kant”: “e para a surpresa de todos, Eichmann deu uma definição quase correta do imperativo categórico: ‘O que eu quis dizer com minha menção a Kant foi que o princípio de minha vontade deve ser sempre tal que possa se transformar no princípio de leis gerais’” (ARENDDT, 1999, p. 153). Ainda segundo ela, quase parafraseando-o, “ele distorcera seu teor para: aja como se o princípio de suas ações fosse o mesmo do legislador ou da legislação local – ou na formulação de Hans Frank para o ‘imperativo categórico do Terceiro Reich’ que Eichmann deve ter conhecido: ‘Aja de tal modo que o Führer, se souber de sua atitude, a aprove.’” (ARENDDT, 1999, p. 153) Em outros termos, o réu manteve a “forma” de um (psedo-)imperativo, porém colocou um conteúdo que o distorceu, o que contraria o ensejo de Kant ao formulá-lo.

Para que isso não aconteça, segundo ela, isto é, de a fórmula ser preenchida com conteúdos que levam ao oposto daquilo que manteria a integridade humana, é preciso manter a vida do espírito ativa (ou nos termos de Kant, “jamais passiva”), pois tal atitude leva à heteronomia, mas não à desresponsabilização pelos atos praticados. E Eichmann afirmou incessantemente que “seguira ordens”, “que não era senhor de si mesmo”, que “tinha uma obediência cadavérica” (ARENDDT, 1999, p. 152), entre outras declarações que ele esperava que o desculpassem por ter enviado milhões de pessoas aos campos de concentração e/ou de extermínio pelo trabalho no *bureau* em que atuava como funcionário do Reich Nazista (1933-1945). É preciso recordar que ele não prendeu, torturou ou assassinou qualquer pessoa, pois “apenas” organizava o transporte delas, o que foi chamado por ela de “crime administrativo”⁸.

Nesse contexto desponta a questão dos motivos que levam alguém a aderir a um sistema autoritário, tirânico ou totalitário ou a negar-se a fazê-lo. Arendt, nos vários textos que escreveu (listados nas Referências) afirmou que

⁷ Adolf Eichmann (1906-1962) foi o Tenente-coronel Nazista responsável pela organização do transporte ferroviário dos considerados indesejáveis (judeus, negros, comunistas, homossexuais, ciganos, entre vários outros) para os campos de internamento e de extermínio. Após a Guerra (1939-1945), ele, com um nome falso, fugiu para a Argentina, onde foi capturado em 1960 e levado a Jerusalém e julgado (1960-1962). Em 1962 a sentença foi pronunciada e cumprida: ele foi enforcado. Arendt assistiu a uma parte do Julgamento, escrevendo um livro (que se tornou polêmico, na época) sobre ele em 1963: *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*.

⁸ Existem textos que tratam do tema. Por exemplo, o texto de Tiago Macaciel “Hannah Arendt e o julgamento de Adolf Eichmann”. In: *Quaestio Iuris*, v. 2, n. 2, 2006, p. 105-126.

precisava compreender, não para perdoar, mas para reconciliar-se com o passado e voltar a agir. E por isso escreveu a obra publicada em 1951: *Origens do Totalitarismo*: para buscar as origens, não as causas, do Totalitarismo, o Nazista, em especial, momento em que passou a apregoar a necessidade de “resistir” e de “evitar” o mal. Foi nessa época que ela abandonou a nomenclatura kantiana de “mal radical” adotando aquela sugerida por Jaspers: mal banal.⁹

Brevemente, pode-se entender o mal banal como sendo sem raízes, sem profundidade, mas é (ou pode ser) grandioso em seus resultados. O mal, para Arendt, não é religioso, ontológico, radical porque pode ser praticado por alguém que não decidiu ser mau ou praticar maldades, mas que também não é invejoso, não possui uma patologia mental, ou o desejo de vingança ou, até mesmo, não está “possuído por um demônio”.

Na obra, incompleta pela morte súbita da autora, *A vida do Espírito*, lançada postumamente em 1978, Arendt continua tentando entender o “mal” praticado por seres humanos nos Regimes Totalitários:

(...) o impulso imediato derivou do fato de eu ter assistido o julgamento de Eichmann em Jerusalém. (...) O que me deixou aturdida foi que a conspícua superficialidade do agente tornava impossível retrair o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos. Os atos eram monstruosos, mas o agente – ao menos aquele que estava em julgamento – era bastante comum, banal, e não demoníaco ou monstruoso. (ARENDR, 1991, p. 5-6)

Pode-se afirmar que, no séc. XXI, a pergunta permanece: por que uma pessoa que não escolheu ser má ou praticar atos maus, atos de vingança ou outro, por meio de sua ação destroem o mundo humano: exterminam pessoas ou permitem que isso ocorra; aniquilam o meio ambiente; poluem a água e o ar; acumulam fortunas expropriando outros; usam humanos como cobaias sem o consentimento destes etc.

Arendt escreveu perceber em Eichmann a falta de pensamento, de reflexão, de imaginação¹⁰. Ausência de se colocar no lugar do outro (não é empatia, é mais do que isso)¹¹, de medir os desdobramentos dos atos

⁹ Para maiores esclarecimentos, consulte-se o artigo de Sônia Schio, “Hannah Arendt: o mal banal e o julgar”. In: *Veritas*, v. 56 n. 1, 2011, p. 127-135.

¹⁰ A imaginação, em Arendt, assim como em Kant, é indispensável. No contexto em questão, a imaginação produtiva é aquela que permite o “pensar alargado”, exposto na nota 11, abaixo.

¹¹ Nos termos de Kant: “denota uma pessoa com a maneira de pensar *alargada*, quando ela não se importa com as condições privadas subjetivas do juízo, dentro das quais tantos outros estão como eu

praticados, ou seja, ser coerente e conseqüente (refletir). E ela percebeu que não é necessário ter motivos maus, doenças psicológicas ou qualquer motivo para fazer tais coisas: carreirismo, busca de *status* ou outro não é crime ou errôneo, mas pode tornar-se. E ela soube de casos, na época, como o de Husserl ser proibido de frequentar a biblioteca da universidade em que trabalhara¹²; homens, novos e velhos, mulheres, muitas vezes gestantes, crianças de todas as idades, de vários locais foram levadas aos campos de concentração e de extermínio. Nestes eles foram alijados de seus bens, de seus documentos; foram afastados da família, retiradas as roupas, os cabelos e até perderam a vida. Cidades foram evacuadas, guetos criados, populações transplantadas, fome, assassinato, desrespeito.¹³

Sabe-se do contexto de crise econômica e social vivenciada pela Alemanha, na época, da propaganda política, da mentira, da atuação da polícia secreta, entre outros, mas também de que houve pessoas que resistiram: Arendt cita os dinamarqueses, mas há outros exemplos.¹⁴ Ela explica essa possibilidade por meio da faculdade do pensar, a qual atualiza os conteúdos e exige coerência em seu funcionamento (ARENDDT, 1991, I parte: o pensar).

Ainda segundo ela, porém no artigo “Crise da Cultura, sua importância social e política” (na obra *Entre o passado e o futuro*), no séc. XX, a sociedade da massa se tornou a vigente. E, nesse “novo” agrupamento humano, com uma inédita forma de viver, o pensar e o julgar, a vida em comunidade, a política e outros elementos imprescindíveis a uma vida íntegra deixaram de ser valorizados e experienciados. O “homem da massa” caracteriza-se por viver no isolamento, na concorrência com os outros (no trabalho e na vida social), na busca pelo conforto, de “matar o tempo” (ARENDDT, 1992, p. 257). E ela explicita: o

postos entre parênteses, e reflete sobre o seu juízo desde um ponto de vista universal (que ele somente pode determinar enquanto se imagina no ponto de vista dos outros.” (KANT, 1993, 141 [KU, § 40, 159]). Nesse sentido, Arendt (1993, p. 57) escreveu: “quanto mais amplo é o domínio em que o indivíduo esclarecido é capaz de mover-se de um ponto de vista a outro – mais ‘geral’ será esse pensamento.”

¹² Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938). Como resultado da legislação antissemita aprovada pelos nazistas em abril de 1933, foi negado, ao professor Husserl, o acesso à biblioteca de Freiburg. Heidegger retirou a dedicatória a Husserl de seu mais conhecido trabalho *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, quando este foi reeditado em 1941. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl.

¹³ Leia-se, para maiores esclarecimentos, os primeiros capítulos de *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, obra na qual ela expôs as pesquisas realizadas (ela leu mais de 3 mil páginas de documentos, notícias e outros, referentes ao Caso e às opiniões sobre ele.).

¹⁴ Sobre a resistência dinamarquesa, pode-se ler, além de Arendt: Silvia Lerner “Além das sombras do holocausto: o país que desafiou Adolf Hitler”. In: *Aventuras da História*, UOL, 16.01.2022 Um outro exemplo: Rayna Breuer. “Sophie Scholl e a resistência da juventude ao nazismo”. In: *Deutsche Welle*, 09.05.2021; e ainda sobre a enfermeira Irena Sendler em: Vitor Paiva. “Conheça a enfermeira que raptou e salvou 2.500 crianças judias das mãos dos nazistas”.

(...) homem da massa: sua solidão – e solidão não é nem isolamento nem estar desacompanhado – a despeito de sua adaptabilidade; sua excitabilidade e falta de padrões, sua capacidade de consumo aliada à inaptidão para julgar ou mesmo para distinguir e, sobretudo, seu egocentrismo e a fatídica alienação do mundo. (ARENDDT, 1992, p. 250-251)

Além disso, esse ser supervaloriza a vida biológica (*animal laborans* – e não o bem viver), adota comportamentos que crê isentá-lo de responsabilidades, utiliza clichês ao falar, valoriza a aparência externa e o ter, entre várias outras. Mas, novamente, alguns, nas mesmas condições, resistiram e não compactuaram com a situação imposta pelos regimes autoritários, totalitários ou outros.

Para Arendt, as escolhas dependem do pensar. Ou seja, antes da tomada de decisões, o pensar se torna indispensável: ele, ao generalizar os conteúdos, permite que sejam analisados, compreendidos. Mas, para que o pensado se torne ação, esse conteúdo precisa passar pelas outras duas faculdades: o julgar e o querer. O julgamento avalia as possibilidades de ação ou de inação oriundas do pensar. A Vontade impulsiona ao agir ou ao reter porque ela é autônoma: em cada possibilidade de agir há a de não agir, isto é, a cada “querer” ocorre um “não-querer” e, dessa dicotomia, surge o impulso para o agir ou não, de forma espontânea, nem racional, nem emocional, sequer instintiva – é o momento de liberdade plena do ser, a liberdade como espontaneidade.

Retrocedendo para enfatizar: antes do julgar e do querer, o *ego pensante*, como Arendt o denomina, se desliga do mundo externo e se volta ao interno para pensar: há a cognição, a memória, a imaginação e mais alguns elementos que se incorporam ao pensar: elementos oriundos dos sentidos, e também os psicológicos, os emocionais etc. Por exemplo, o desejo de mostrar aos outros que é capaz, ou que tem valores/virtudes, ou de se sentir bem, ser útil, que consegue superar uma deficiência física, entre vários outros fatores. Então, ao pensar, o ser pensante vai optando por dirigir o pensamento para a consecução de suas necessidades, ou curiosidades ou tendências, ou exigências externas. E se essas escolhas não são obrigatoriamente conscientes, em um primeiro momento, quando o tema for importante, elas precisam ser pensadas e depois avaliadas. Do contrário, se o não-pensar for repetitivo, tornar-se-á um hábito, tanto o que é importante como o corriqueiro passam a não ser mais questionados, sendo naturalizados. Talvez algum acontecimento não cotidiano mova o pensamento a questionar as próprias bases. Mas isso nem sempre é simples: pode gerar culpa e desconforto. Para evitar isso, é mais fácil não se

ater ao que ocorre, não pensar no que realiza, não relembrar os fatos ocorridos. Em linguagem kantiana, é permanecer na menoridade.

Em outros termos, não é que exista um “Eichmann dentro de cada um”, pois a singularidade não permite tal afirmação, e Arendt, ciente disso, negou tal possibilidade. Automatizar os comportamentos, mecanizar o fazer, utilizar frases-feitas não são ruins no cotidiano. Porém, em determinados contextos e momentos, é o instante que define o ser humano como o praticante do mal ou aquele que resiste a ele. Há ocasiões nas quais se faz necessário sair do habitual e repensar. A partir de algo novo, de uma demanda diferente, retomar os conteúdos e ativar o pensar: decompor o conteúdo, analisar, se perguntar se poderia ser diferente etc. para o entender melhor, projetar resultados, avaliar as consequências. E tal exposição arendtiana lembra, uma vez mais, o texto de Kant sobre o Esclarecimento: muitos se mantêm menores por preguiça e covardia. Aceitam ser tutorados porque é mais cômodo: parece ser possível transferir a responsabilidade, resguardar-se de maus resultados, esconder-se do mundo, usufruindo apenas do que é agradável.

Entretanto, se Arendt concorda com Kant que cada ser humano tem a tendência (ou a necessidade, porque curioso, por exemplo) de pensar, de retornar ao ocorrido e refletir sobre ele, ela o ampliou ao valorizar a pluralidade. Isto é, a Terra não é habitada pelo homem, mas por homens, seres humanos, no plural, os quais precisam conviver, pois o Planeta é finito: há uma vizinhança que precisa ser organizada, o que ocorre por meio da política, seja local, internacional, global. Além disso, há a singularidade: ninguém é igual a alguém que vive ou que habitou o Planeta. Assim sendo, todos são importantes, não descartáveis ou substituíveis, “matáveis” porque pertencem a um grupo ou religião, região ou etnia.

Se houver um chamado, ele não é igual para cada um dos humanos. Entretanto, cada um deve responder a ele quando sentir a necessidade. E os pensadores o demonstram em sentenças curtas, mas contundentes: “o homem é a medida de todas as coisas” (Protágoras); “conhece-te a ti mesmo” (oráculo de Delfos); “é melhor estar em desacordo com o mundo do que comigo mesmo” (Sócrates); “Ama e fazes o que quiseres” (Agostinho); “prefiro acreditar em meu amigo às verdades da matemática” (Lessing); “ouse saber” (Kant) e outros. E cada um destes chamados não é definitivo: deve-se reiteradamente evitar o mal e resistir a ele. Pensar e julgar. Colocar-se no lugar dos outros, jamais se abstendo ou se omitindo, afinal estas também são decisões. Em outros termos, se os chamados são diferentes nos diversos

momentos vividos, e as respostas podem ser novas ou velhas, elas devem ser dadas pelo ser humano.

Assim, é preciso aceitar que a vida humana transcorre entre humanos, que ela é histórica e contextualizada. Em determinados momentos, não há como não pensar: o conteúdo é dado ao corpo pelo mundo externo, pela *physis* e, pelo movimento interno do desejo de conhecer, de superar circunstâncias que ocorrem (como a doença, uma intempérie climática, uma morte), de integrar um grupo, de sentir-se partícipe, de entender os fenômenos, as pessoas, então é necessário agir e responsabilizar-se. Outramente exposto, de ser autônomo, de comandar a vida e as ações. A morte, e somente ela, é o fim. Até que isso não ocorra, a vida precisa ser vivida nesse Planeta, com esse entorno, essas pessoas, entendendo o que não pode ser mudado e alterando o que precisa ser, respeitando a si, os outros e o mundo.

Referências

- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo – antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UFRJ, 1991.
- _____. *Homens em tempos sombrios*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- _____. *Crise da Cultura. Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992.
- _____. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. Trad. de André Duarte de Macedo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993a.
- _____. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993b.
- _____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- _____. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo* (ensaios). São Paulo: Cia das Letras/Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- _____. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- BREUER, R. “Sophie Scholl e a resistência da juventude ao nazismo”. In: *Deutsche Welle*, 09.05.2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sophie-scholl-e-a-resist%C3%Aancia-da-juventude-ao-nazismo/a-57465734>
- KANT, I. “Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?”. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

- _____. *Crítica da razão prática*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- _____. *Was ist Aufklärung?* In: *UTOPIE kreativ*, H. 159 (Januar 2004), S. 5-10. Disponível em https://www.rosalux.de/fileadmin/rls_uploads/pdfs/159_kant.pdf.
- LESSING, G. E. *L'Éducation du genre humain*. Trad. Marc de Launay. Paris: Ed. Findakly, s/data.
- _____. *Nathan le Sage*. Paris: GF Flammarion, 1997.
- LERNER, S. “Além das sombras do holocausto: o país que desafiou Adolf Hitler”. In: *Aventuras da História*, UOL, 16.01.2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/o-pais-que-desafiou-adolf-hitler.phtml>
- MACACIEL, T. P. “Hannah Arendt e o julgamento de Adolf Eichmann”. In: *Quaestio Iuris*, v. 2, n. 2, 2006, p. 105-126. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/3933>.
- NASCIMENTO, D. I. *Uma Prática Filosófica em Michel Foucault: a resposta ao chamado da Aufklärung*. Tese de doutorado. Pelotas/RS: UFPel, 2020.
- PAIVA, V. “Conheça a enfermeira que raptou e salvou 2.500 crianças judias das mãos dos nazistas”. In: *Hypeness*, 17.05.2016. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/05/conheca-a-enfermeira-que-raptou-e-salvou-2-500-criancas-judias-das-garras-dos-nazistas/>
- SCHIO, S. M. *Hannah Arendt: a estética e a política (do juízo estético ao juízo político)*. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- _____. “Hannah Arendt: o mal banal e o vulgar”. In: *Veritas*, v. 56 n. 1, 2011, p. 127-135. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/9297>.
- _____. *Hannah Arendt: história e liberdade (da ação à reflexão)*. 2 ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012.

Email: soniaschio@hotmail.com